

---

BOSCHILIA, R.; RAMOS, N. (2018). *Passados recompostos: narrativas sobre a experiência da i/emigração Portuguesa*, The overarching issues of the european space- preparing the new decade for key socio-economic and environmental challenges, Porto, Fac. Letras Univ. Porto. pp. 104 -118

---

## PASSADOS RECOMPOSTOS: NARRATIVAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA I/EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

Roseli **BOSCHILIA**

Universidade Federal do Paraná

[roseli.boschilia@gmail.com](mailto:roseli.boschilia@gmail.com)

Maria Natália **RAMOS**

Universidade Aberta, CEMRI

[natalia@uab.pt](mailto:natalia@uab.pt)

### Resumo

O artigo, ancorado nas reflexões teóricas sobre memória<sup>1</sup> e subjetividade<sup>2</sup>, tem como objetivo problematizar questões ligadas ao contexto e/imigratório e ao perfil dos e/imigrantes portugueses, a partir de uma tipologia de fontes de pesquisa pouco usual que são as narrativas autobiográficas, literárias e orais deixadas pelos próprios sujeitos. Nessa perspectiva, enfocamos aqui a trajetória de três e/imigrantes que saíram de Portugal e se radicaram em países da América, no período entre 1920 e 1960, cujos testemunhos oferecem vislumbres sobre a experiência vivida nos processos de migração.

**Palavras-chave:** e/imigração portuguesa; narrativas autobiográficas; Serafim Alves de Carvalho; Sidónio Muralha; Manoel da Costa.

### Summary

The article, anchored in theoretical reflections on memory<sup>1</sup> and subjectivity<sup>2</sup>, aims to problematize questions related to the emigration/ immigration context and the profile of Portuguese emigrants/immigrants, from a typology of sources of unusual research that are the autobiographical, literary narratives and oral ones left by the subjects themselves. From this perspective, we focus here the trajectory of three immigrants who left Portugal and settled in countries of the Americas, between 1920 and 1960, whose narratives provide insight into the experience of migration processes.

**Keywords:** Portuguese emigration/immigration; autobiographical narratives; Serafim Alves de Carvalho; Sidónio Muralha; Manoel da Costa.

### 1. Introdução

Os estudos clássicos acerca do fenómeno dos deslocamentos da população portuguesa, durante os séculos XIX e grande parte do XX, foram realizados, via de regra, com base na documentação produzida por órgãos oficiais ligados direta ou indiretamente à política emigratória. Desse modo,

---

<sup>1</sup> A memória está sendo aqui entendida como um elemento constituinte do sentimento da identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa/grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 204).

<sup>2</sup> De forma bastante simplificada a subjetividade pode ser definida como um modo de existir, um modo de se relacionar com o mundo, que decorre, segundo Guattari e Rolnik (1999, p. 31) dos sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, de produção de ideias, de sentimentos, etc.

ancorada nesta tipologia de fontes, a historiografia daquele período, preocupada em definir o perfil dos emigrantes e as principais causas que motivaram o seu deslocamento, concentrou-se nas políticas da e/imigração, privilegiando fundamentalmente as análises socioeconômicas.

Foi preciso aguardar, no entanto, as últimas décadas do século XX, para que o aprofundamento das discussões teóricas e metodológicas, resultantes do diálogo interdisciplinar, possibilitassem o acesso a novas modalidades de fontes, permitindo, desse modo, um olhar mais alargado e abrangente sobre o tema da e/imigração.

Como se sabe, a adoção dessa nova postura científica só ocorreu notadamente a partir do final dos anos setenta, quando as mudanças paradigmáticas no campo das ciências humanas tornaram possível a escrita de uma história ancorada em conceitos que, além de permitir a problematização de questões anteriormente relegadas ao esquecimento, também passassem a privilegiar grupos minoritários ou excluídos, como escravos, mulheres, crianças, pobres e imigrantes.

Neste novo contexto, alguns estudiosos da emigração portuguesa passaram a dedicar-se ao estudo de temas anteriormente ignorados, como a e/imigração clandestina, os movimentos de retorno, as narrativas (auto)biográficas migratórias e a situação dos que ficaram em Portugal enquanto os seus familiares partiam em busca de melhores condições de vida. No interior destas novas abordagens podem ser inseridas as análises realizadas, já a partir da década de 1980, pela historiadora Miriam Halpern Pereira (1981) preocupada em divulgar documentos que evidenciassem aspetos mais gerais sobre a emigração portuguesa, sobretudo no que dizia respeito aos grupos não contemplados pelos dados oficiais, como era o caso dos emigrantes ilegais.

A obra “Homens que partem, mulheres que esperam”, publicada em meados da década de 1980 pela antropóloga canadense Caroline Brettell (1991), também chama atenção pelo fato de analisar o tema da emigração por um viés singular, deslocando o seu olhar dos sujeitos que partiam para analisar os desdobramentos e as tensões que o fenômeno da emigração provocava em todo o grupo social envolvido nessa experiência.

A partir dos anos noventa, a historiadora e socióloga Maria Ioannis Baganha (1991) se dedicou ao tema da emigração clandestina, procurando dar visibilidade aos sujeitos anônimos que representavam um percentual significativo dos emigrantes portugueses, nomeadamente na Europa, e em países como a França (Ramos, 1991).

A preocupação com os efeitos da migração na estrutura familiar e as estratégias utilizadas pela sociedade portuguesa do século XIX no sentido de viabilizar o projeto imigratório serviu de motivação aos estudos realizados por Jorge Fernando Alves (1994). No seu estudo, além da utilização de registos de passaporte de emigrantes, o pesquisador português valeu-se de outras tipologias de documentos, como testamentos, processos de inventários, cartas, papéis avulsos e livros de anotações pertencentes às famílias emigrantes.

Os trabalhos desenvolvidos por estes e outros estudiosos, sem dúvida serviram de estímulo a outros pesquisadores interessados na problematização de questões que ainda estavam em aberto

quando o assunto eram os grupos de emigrantes minoritários, especialmente mulheres e crianças, e as suas experiências no mercado de trabalho.

No texto intitulado “Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção de culturas”, publicado na primeira metade dos anos noventa, a antropóloga Bela Feldman-Bianco (1993) recorreu aos testemunhos orais de duas gerações de mulheres açorianas, radicadas no estado de Massachusetts, na tentativa de «compreender como essas imigrantes diferentemente reinterpretam e reinventam as experiências vividas na terra natal, em um contexto de mudanças dramáticas nas suas condições de existência, causadas pela imigração» (Feldman- Bianco, 1993, p. 4). A historiadora Maria Izilda Matos (2014) é outra autora que tem se dedicado ao tema da e/imigração, a partir do uso de fontes pouco convencionais, como é o caso das cartas de chamada depositadas nos arquivos distritais.

No entanto, em que pese o interesse crescente de pesquisadores que buscam privilegiar a história da e/imigração, a partir de vestígios deixados pelos protagonistas dessa experiência, ainda são poucos os estudos realizados nessa direção, em virtude da escassez de narrativas deixadas pelos próprios e/imigrantes.

Com base nesta problemática, no presente artigo procuramos enfrentar o desafio metodológico de analisar, a partir de fontes autobiográficas, literárias e orais, as trajetórias de três imigrantes portugueses nascidos entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, que têm em comum o fato de terem protagonizado múltiplos deslocamentos migratórios antes de escolherem o continente americano como lugar de destino.

A partir das narrativas construídas por estes sujeitos ou por seus familiares, acreditamos ser possível refletir sobre a experiência de deslocamento de muitos outros e/imigrantes que não deixaram qualquer vestígio que permita a reconstrução de suas memórias.

O primeiro deles, *Serafim Alves de Carvalho*, nasceu na região Norte de Portugal, em 1898 e aos 18 anos atravessou clandestinamente a fronteira da Espanha, para fugir do serviço militar. Em seguida, deslocou-se para a França e de lá emigrou para os Estados Unidos, onde conseguiu ascender economicamente, tornando-se empresário bem sucedido. Nos anos oitenta, algumas décadas após o seu retorno a Portugal, Serafim dedicou-se à escrita de sua autobiografia, publicada em 1986, poucos meses antes do seu falecimento.

Nosso segundo personagem é o escritor *Sidónio Muralha*, nascido em Lisboa, em 1920. Diferentemente da maioria dos emigrantes que saíram de Portugal por razões econômicas, Sidónio deixou a sua terra natal nos anos 40, no auge do regime salazarista, por razões políticas. Após a sua passagem por diferentes países da África e da Europa, acabou por radicar-se no Brasil no início da década de 1960, onde faleceu em 1982. A apropriação da sua produção literária como escrita autobiográfica justifica-se pelo fato das suas narrativas conterem elementos sobre a sua experiência como imigrante e exilado.

Além destes dois imigrantes que tomaram a iniciativa de registar as suas experiências de deslocamento, selecionamos um terceiro personagem, *Manoel da Costa*, nascido em 1927 e falecido em 1996, que deixou vestígios de sua trajetória de vida exclusivamente na memória de seus descendentes. Originário da região de Viana do Castelo, Manoel emigrou para o Canadá, em meados dos anos sessenta, após ter trabalhado na pesca do bacalhau e de ter residido por onze anos em França.

## 2. De pastor de cabras a homem de negócios em Wall Street

As memórias autobiográficas de *Serafim Alves de Carvalho*, publicadas sob o título *“Emigrar, emigrar: as contas do meu rosário”* (1986), constituem um documento raro e singular para quem deseja conhecer a trajetória de e/imigrantes que tal como ele, deixaram o país ilegalmente, sem deixar qualquer vestígio de sua experiência de deslocamento.

Oriundo de uma família de lavradores da região metropolitana do Porto, Serafim destaca em sua narrativa um aspeto bastante presente na trajetória da maior parte dos imigrantes que saíram da região Norte de Portugal, ou seja, as agruras de uma infância paupérrima, marcada por sucessivos deslocamentos internos e o ingresso precoce no mundo do trabalho.

Nasci no lugar de Vila Chã, freguesia de Escariz, do concelho de Arouca, no dia 26 de maio de 1898 [...] Relembro com infinita saudade os meus pobres pais, carregados de filhos e de miséria [...] eram pequenos lavradores que, à custa de muito suor, tiravam das ubérrimas terras que cultivavam aquilo com que matavam a fome da numerosa família [...] Vivi na aldeia como todas as crianças, com mais boroa, menos boroa, com mais caldo ou menos caldo, a fazer recados e a trabalhar no que podia (Carvalho, 1986. p. 15-25).

Como a maioria dos meninos de sua aldeia, Serafim passou a trabalhar como pastor de ovelhas, por volta dos sete anos de idade, em um local próximo à freguesia onde a família vivia.

Recordo agora com saudade a roupa que recebi de meus patrões e que era constituída por umas calças, um casaquito, uma camisa de estopa que me picava o corpo e outra camisa de linho para ir à missa, um chapéu de abas largas e uns tamancos pregados e outros de feira para ir também à missa (Carvalho, 1986. p. 29).

Ao falar sobre as condições de trabalho às quais os filhos de lavradores pobres, em geral, eram submetidos, ele relembra: “Se na minha casa havia miséria, para onde fui ela não era menor [...] a comida diária não passava de meia sardinha assada [...] o ordenado que era a módica quantia de mil e quinhentos réis<sup>3</sup>. Por um ano de trabalho! (Carvalho, 1986. p. 29).

Quando tinha dez anos, Serafim deixou a aldeia pela primeira vez e seguiu, na companhia do pai para a cidade do Porto, assumindo de vez a sua condição de migrante:

---

<sup>3</sup> Vale lembrar que nesta época o salário médio pago aos trabalhadores rurais era de 1200 réis por mês.

Se até aí, nesses poucos anos em que trabalhei por conta de outrem [...] em localidades das redondezas, já auferira o estatuto de emigrante, pois que tivera já a experiência triste de deixar a terra onde nascera e os meus queridos familiares, daqui para diante vou ser mesmo emigrante, já que vão ser outras e mais distantes as terras por que virei a passar, outras as perspectivas de vida (Carvalho, 1986. p. 35).

Em 1914, ao completar 16 anos e após ter desempenhado diferentes atividades, seja na lavoura, como carregador de “água-choca” ou como ajudante em uma cerâmica, Serafim passou a fazer parte da massa de trabalhadores absorvida pelas minas de volfrâmio e de carvão, que foram instaladas na região Norte de Portugal, no contexto da Primeira Guerra Mundial. Dois anos depois, com o intuito de escapar do serviço militar, seguiu em direção à Espanha, na companhia de um colega que já havia trabalhado naquele país anteriormente. Ao rememorar a experiência de atravessar a fronteira “a salto”, ou melhor dizendo, de modo clandestino, ele relata:

Recordo que era dia de festa em S. Bento da Porta Aberta e por lá andavam polícias à cata de rapazes que, como nós, queriam passar para o outro lado. Prenderam alguns, mas não notaram a nossa presença e tivemos assim oportunidade de contactar o “passador” que, pelo trabalho, levou três coroas. Tivemos de passar três dias em ar de quem está gozando a festa a S. Bento, que é uma das mais concorridas da região e, ao terceiro dia, pela meia-noite quando o fogo de artifício estava a ser lançado, metemos os três – eu, o Zé Bento e o “passador” – os pés a caminho (Carvalho, 1986. p. 91).

Após chegar à Espanha e conseguir um emprego em uma mina de carvão, Serafim matriculou-se em uma escola noturna, onde aprendeu a ler e a escrever.

Com o fim da guerra e o fechamento das minas de carvão, ele viu-se sem trabalho e decidiu partir para a França que, naquele momento, necessitava de mão de obra para a reconstrução do país. Após ingressar no território francês, graças à obtenção de um passaporte falso, no qual ele era identificado como José Gonzalez, Serafim trabalhou inicialmente nas minas de St. Etienne du Loire, e tempos depois seguiu para Rouen, onde conseguiu um emprego nas docas.

Desde o momento que deixou a Espanha, Serafim passou a acalentar a ideia de emigrar para a América do Norte. Porém, ele tinha clareza que para alcançar este objetivo, dois grandes obstáculos precisavam ser enfrentados. Em primeiro lugar, era necessário obter um passaporte que permitisse o ingresso no território americano. Além disso, era preciso conseguir dinheiro suficiente não só para a aquisição da passagem, mas também para atender as exigências do serviço de imigração no sentido de comprovar que ele tinha condições de sobreviver ao chegar no país de acolhimento. Serafim relata que por fim, em agosto de 1920, após muitas peripécias, conseguiu ingressar nos Estados Unidos, viajando como tripulante de um navio e portando um passaporte português no qual constava seu verdadeiro nome e que fora obtido graças à ajuda do Consul Espanhol.

De acordo com a sua narrativa, os primeiros tempos em Nova Iorque, sobretudo os primeiros cinco anos, foram muito difíceis. Em 1926, entretanto, ele conseguiu viajar para Portugal para casar-se com Matilde de Castro, filha de um de seus antigos patrões, com quem ele se correspondia desde que deixou Portugal.

No início da década de 1940, depois de ter exercido várias atividades laborais, Serafim recebeu o convite de um imigrante catalão e tornou-se sócio de uma empresa de importação e exportação de vinho e bacalhau. Em 1945, fundou uma firma individual dedicada a assegurar os mais variados serviços de tráfego naval (mantimentos, madeira, equipamentos e até mesmo trabalhadores).

Finalmente, em 1953, Serafim tomou a decisão de retornar a Portugal para atuar na área de pomicultura, mantendo paralelamente os seus negócios na América. Após a sua aposentadoria, no início dos anos oitenta, passou a dedicar grande parte do seu tempo à tarefa de “arquivar a sua própria vida”. A obra (Carvalho, 1986), que foi redigida com a ajuda do escritor/jornalista Rui Castro, segue o modelo dos textos biográficos que visam enaltecer a figura do imigrante pobre que conseguiu ser bem sucedido e encontrar o seu pote de ouro sob o arco-íris, foi publicada pouco tempo antes do seu falecimento, ocorrido em 1986.

### **3. A experiência de um e/imigrante contada em prosa e verso ...**

Diferentemente de Serafim e de Manoel, *Sidónio Muralha*, o nosso segundo personagem, nascido em Lisboa, em 1920, era oriundo de uma família de classe média e em momento algum se deparou com dificuldades materiais durante o seu período de infância e adolescência. Filho do jornalista socialista Pedro Muralha, Sidónio pode frequentar boas escolas e ingressar no Curso de Ciências Econômicas tão logo concluiu o ensino secundário.

Contudo, como tantos outros portugueses nascidos a partir da década de 1920, Sidónio cresceu e viveu a sua adolescência inserido em uma sociedade, que além de marcada pela pobreza e desigualdade social, frutos do secular modelo econômico, se via mergulhada na irredutível experiência do autoritarismo que fora imposto por Salazar, a partir de 1933.

Assim, o interesse pela escrita, aliado ao gosto pela leitura, que o acompanhou durante a trajetória educacional emergiu, no contexto político do final da década de 1930, como uma das poucas estratégias viáveis de contestação ao regime salazarista, que tinha como marcas a repressão política e a censura.

Nessa época, enquanto frequentava o curso superior, Sidónio, tornou-se membro de um grupo, formado por jovens artistas e escritores, que deu origem ao movimento artístico-cultural que, em Portugal, ficou conhecido como neo-realismo. Partidários de um posicionamento político em defesa de uma arte socialmente implicada, este grupo procurava demarcar uma rotura com o comportamento considerado excessivamente passivo da geração precedente, depositando na literatura as suas esperanças de uma sociedade mais justa.

Fiel a esses princípios, Sidónio procurava discutir em seus versos as contradições com as quais ele se deparava no cotidiano, privilegiando não só os problemas geralmente explorados pelos neo-realistas, como a miséria e pobreza, mas também chamando a atenção para outras questões igualmente

preocupantes como o descaso com os velhos ou as condições de vida de pessoas marginalizadas pela sociedade.

Em 1942, o convite para participar como um dos autores da coleção “Novo Cancioneiro”, possibilitou a publicação da obra “Passagem de Nível”, na qual Sidónio, reafirmando a sua vinculação aos ideais do neo-realismo, usa a poesia como arma, não só para combater as injustiças sociais, mas para intervir na realidade. No entanto, os seus escritos passam por uma grande mudança quando, em 1943, sufocado e desiludido com os rumos do seu país, Sidónio opta pelo autoexílio e, na companhia do amigo e escritor Alexandre Cabral, viaja para a África, iniciando aí a sua longa trajetória como imigrante que incluirá diferentes países como o Congo Belga, Guiné-Bissau, Senegal, Bélgica, Inglaterra e França até chegar, finalmente, ao Brasil, quase duas décadas depois.

A permanência no continente africano, durante a década de 1940, dará novos contornos à sua escrita, imprimindo em seus versos não só a sua indignação em relação à ditadura salazarista, mas também o desejo de “arquivar a própria vida” (Artières,1998).

Assim, os versos escritos ao longo deste período e das décadas seguintes<sup>4</sup>, mais do que reforçar a opção pela poesia militante e de intervenção, expõe a subjetividade do autor, na medida em que ele procura partilhar com o leitor os seus sentimentos como exilado e as estratégias para reconstruir a sua identidade como imigrante, como se vê, por exemplo, no texto em que ele rememora a sua saída de Portugal:

[...] É setembro, um Setembro antigo, meu pai está no cais para me dizer adeus, um adeus que sabemos definitivo mas fingimos que não, subo com o Alexandre Cabral, o “Quanza” se afasta, as pedras tremulam, navegamos para Leixões e depois para o Congo ... todos estes acontecimentos amanhã serão memórias mas nós ainda não temos consciência disso (Muralha, 1975a, p. 87-88).

O ressentimento de ter sido forçado a deixar a sua terra natal por questões políticas, reaparece, de modo bastante claro, no poema Raízes:

Velhas pedras que pisei/ Saiam da vossa mudez/ Venham dizer o que sei/ Venham falar português/ Sejam duras como a lei/ E puras como a nudez./ Minha lágrima salgada/ Caíu no lenço da vida/ Foi lembrança naufragada/ E para sempre perdida/ Foi vaga despedaçada/ Contra o cais da despedida./Visitei tantos países/ Conheci tanto luar/ Nos olhos dos infelizes/ E porque me hei-de gastar? / Vou ao fundo das raízes / E hei-de gastar-me a cantar. (Muralha, 2012).

O contexto dos anos sessenta configurou-se como um novo marco na vida de Sidónio Muralha, quando ele vivencia novas experiências de deslocamento emigratório. Em 1960, no auge da efervescência política que culminou com a independência da República do Congo, os Muralha se afastam do país e, por dois anos, passam a residir em Bruxelas. Nesse período, em virtude da sua atuação como representante comercial de uma empresa multinacional, ele realizou dezenas de viagens

---

<sup>4</sup> Como representante comercial de uma empresa multinacional, Sidónio Muralha viajou pelo mundo, prestando assessoria econômica.

pelo mundo, prestando assessoria econômica em mercados financeiros. E foi, justamente, em decorrência da sua atividade profissional que, em 1962, Sidónio decide radicar-se no Brasil, residindo inicialmente em São Paulo e depois em Curitiba, onde permaneceu até à sua morte, em 1982.

A transferência para o Brasil teve um papel significativo na sua trajetória de vida, incidindo não só nas decisões tomadas pelo autor em relação à sua carreira profissional, mas causando também grande impacto na sua produção poética. Além de dedicar-se à literatura infantil, continuou a escrever histórias, poemas e contos de humor, que lhe deram diversos prêmios nacionais e internacionais.

Por outro lado, é importante destacar que a decisão de emigrar para o Brasil foi tomada em um momento particular da sua vida, que coincidia com a chegada à maturidade. Neste sentido, a experiência deste deslocamento foi absolutamente distinta daquela primeira saída de Portugal, quando ele tinha apenas 20 anos e a esperança do retorno era um sonho possível. Duas décadas após, Sidónio tinha plena consciência de que ele tinha vivido mais de metade da sua vida como um andarilho, um indivíduo deslocado, arrastado para longe de suas raízes. E é justamente a partir desta nova experiência de deslocamento que se evidencia, mais claramente, na produção literária de Sidónio o desejo de dedicar-se à escrita autobiográfica, ou seja, de “olhar para trás”, investindo no arquivamento do eu.

Acumulei experiências (...) e tudo isso um dia explodirá em prosa ou verso que imprimirei, talvez, guardando os livros como recordação nas gavetas, nos armários, nas prateleiras, prestigiados pela poeira dos séculos (...) (Muralha, 1975a, p. 22)

Pouco tempo depois de ter chegado ao Brasil, ao falar sobre os motivos que o trouxeram para a América, ele afirmou: “Escolhi o Brasil, sobretudo por causa da língua. Mas não acredito na existência de coisa mais trágica que o exílio.” (Muralha, 2015, n.p.)

A partir de 1969, Sidónio passou a dedicar-se intensamente à escrita de poemas e crônicas nos quais ele aparece como personagem principal. No intuito de reconstruir as suas memórias ele publica várias obras, nas quais a sua subjetividade se manifesta desde a escolha dos próprios títulos. Desse modo, no rasto da obra “Esse Congo que foi belga” publicada, em 1969, com o objetivo de registrar parte das experiências que ele teve no continente africano, Sidónio publica dois anos depois, “Que saudades do mar” (1971).

Atento ao cenário político do seu país e sempre esperançoso em relação ao esgotamento do regime salazarista, Sidónio escreve em um dos seus versos: “[...] Suave praia, tu não estás perdida/ pois nada está perdido enquanto há vida/enxuga os olhos, pátria, tem confiança” (Muralha, 2010, Soneto do difícil retorno (2) - *Que Saudades do Mar*, 1971, n.p.).

Na sequência, publica “Pássaro ferido” (1972), o livro de crônicas e poemas, de caráter autobiográfico, no qual ele faz um relato retrospectivo sobre a sua própria existência, falando sobre a saudade dos amigos, das cidades e da sua própria infância.

Muito cedo deixei de ser criança/ E só guardei, à guisa de brinquedo,/ Encharcada de lua  
essa lembrança/ De não ser mais criança muito cedo./ E esse cheiro de terra e a brisa  
mansa/ Ondulante de verde e de arvoredo/ E o folgado doirado dessa trança/ Que um  
dia me contou o seu segredo./ **O menino que eu fui ainda corre/ No meu país distante.**



O dia morre,/ as sombras vão descendo, o sono vence-o./ E ele dorme, de mim desencontrado,/ **O menino que eu fui dorme embalado/ Na surdez em surdina do silêncio** (Muralha, 1972, p. 18) (sem grifo no original).

O desejo de revisitar o passado, cada vez mais presente na escrita do autor, resultará na obra intitulada “A caminhada” (1975a). Em 1973, quando este texto estava sendo gestado, Sidónio afirma:

No presente momento (...) procedo a um inventário de vivências em cartas, contos, poemas, conferências (...) O livro chamar-se-á “A caminhada” e não será espartilhado pela ordem cronológica, para que o tempo tenha outras dimensões. É possível que haja buracos ao longo da estrada, porque nas minhas andanças pelo mundo fiquei sem cópia de centenas de cartas, sumiram artigos, naufragaram documentos (...) (Muralha, 1975a, p. 10).

Com a Revolução dos Cravos, ocorrida em abril de 1974, Sidónio sente-se livre para regressar definitivamente ao seu país, depois de mais de três décadas de exílio. Contudo, nesse momento, os tempos eram outros e os laços emocionais que ele havia estabelecido no Brasil o impediam de voltar. Além disso, ele sabia muito bem que, muito embora ele pudesse voltar ao lugar de origem, não se podia voltar ao tempo da partida, nem ao indivíduo que ele era no momento da partida (Sayad, 1998. p. 17).

Note-se que a decisão de não retornar a Portugal já havia sido tomada, pelo menos desde 1971, quando ele escreve o “Soneto do difícil retorno”, texto no qual não deixa de reafirmar o seu vínculo identitário com a pátria portuguesa:

Se fores a Portugal, um dia, se/pisares aquele chão, diz-lhe que aguarde/ o difícil retorno deste que/ nunca pensou voltar assim tão tarde./ Mas houve temporais e lutas e/ se a batalha foi ganha sem alarde,/ nunca foi sem alarde a raiva de/ um inimigo oculto, hostil, cobarde./ **Atravessei os mares e os continentes,/ conheci outras línguas, outras gentes,/ mas a minha poesia é lá que vive./** É lá que sou poeta e na verdade/ a minha volta é só formalidade./ - **Voltar não voltarei./ Sempre lá estive** (Muralha, 1971) (sem grifo no original)

No contexto dos anos setenta, cada vez mais comprometido com a reconstrução de sua memória de vida, ele já havia publicado o romance “O homem arrastado” (1972) e a obra intitulada “O andarilho” (1975b). Nesta última, utiliza a ficção para falar de si e procurar fazer um balanço acerca da sua trajetória como imigrante.

O inventário era implacável: - de tantas viagens, de tantos povos e fronteiras, um montão de destroços de vidas e de lembranças mutiladas. Mas ele tinha a perseverança dos cardos que irrompem da areia e ainda sentia a esperança no coração, quente e furiosa, como um bicho encurralado. Quilhas, mastros, velas e remos do cais da infância, impregnaram a sua memória de um gosto de sal. Gaivotas gritavam, uma poalha de cinza descia lentamente, as primeiras luzes tremulavam do outro lado do Tejo. Tudo rangia e balouçava, nos tombadilhos agitavam-se vultos brancos como lenços, vozes ocultas esfumavam-se, a tristeza do menino era maior do que ele, tomava a amplidão do apelo que vinha do largo. Como doía ser um barco na noite e ficar ancorado. Agora não. O tempo passara e tantas viagens fizera que não podia mais permanecer no mesmo lugar. Às vezes pensava acomodar-se, procurar num país frio a hospitalidade de uma lareira, percorrer um livro como quem descobre um território. Mas logo afastava a idéia confortável, fazia as malas e partia ... (Muralha, 1975b, p. 96).

Nos últimos anos da sua vida, todavia, Sidónio deixa de escrever sobre si mesmo, como se a tarefa autobiográfica já tivesse sido cumprida, e passa a dedicar-se com entusiasmo à literatura infantil. Porém, dois anos antes de morrer, como se quisesse despedir-se da pátria que havia deixado para sempre nos idos da sua juventude, ele escreve “Pátria Minha”, um belo livro de sonetos em homenagem a Camões.

#### **4. O pescador de bacalhau**

Como já foi referido anteriormente, das três pessoas selecionadas para esta análise, *Manoel da Costa* é o único personagem que não deixou qualquer tipo de registo autobiográfico sobre a sua trajetória como e/imigrante. Com exceção da parca documentação oficial produzida a seu respeito, como registos censitários, cartoriais, eclesiásticos e de passaportes, ou mesmo de caráter privado, como cartas ou álbuns fotográficos, ele deixou poucos rastros sobre a sua experiência de vida. Para além da dificuldade em reunir documentos que possibilitem a reconstrução do percurso de Manoel como e/imigrante, o fato de ele possuir um nome extremamente comum, é outro aspeto que traz obstáculos para a reconstrução de sua biografia.

Em que pese o fato de Manoel ter sido selecionado como um caso singular no que tange aos objetivos específicos deste artigo, é forçoso lembrar que a sua condição como sujeito histórico, marcada pela invisibilidade, em razão da ausência de documentos, é muito similar à da maioria dos e/imigrantes portugueses. Diante do silêncio das fontes escritas, a metodologia da história oral emergiu, no final do século XX como uma contribuição imprescindível para a reconstrução das experiências de grupos subalternos, os chamados “excluídos da história”, nos quais estão inseridos uma parcela significativa dos e/imigrantes, sejam eles europeus, asiáticos, africanos ou latino-americanos.

Mas como proceder quando as balizas temporais impedem o acesso às narrativas de sujeitos que, embora tenham protagonizado a emigração clandestina e realizado múltiplos deslocamentos migratórios, como foi o caso de Manoel da Costa, não deixaram registos desta experiência? Nesse caso, a tradição oral, aqui entendida como uma das vertentes do patrimônio imaterial, associada ao universo das fontes orais, emerge como um instrumento de pesquisa que permite a reconstrução destas memórias silenciadas. Através desta modalidade de história oral torna-se possível recorrer às recordações de pessoas que mesmo não tendo participado diretamente dos eventos narrados, preservam o conhecimento cultural compartilhado com gerações anteriores e transmitidos pela tradição oral. Dito de outra forma, a partir deste tipo de entrevista é possível aceder a uma parcela dos eventos “vividos por tabela” ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa “se sente pertencer” (Pollak, 1992:201).

Assim, do nosso ponto de vista, essa modalidade de entrevista cumpre um papel crucial para o estudo de trajetórias de pessoas que no passado protagonizaram experiências diversas, ligadas

frequentemente à pobreza, à dor e ao fracasso - como é o caso dos e/imigrantes que não obtiveram sucesso no seu empreendimento -, sobre as quais, por diferentes razões, elas preferiram silenciar.

Todavia, as recordações compartilhadas no espaço privado, com familiares ou outras pessoas, podem fornecer elementos para aprofundar o nosso conhecimento acerca das experiências vivenciadas por estes sujeitos. Foi a partir dessa perspectiva que realizamos a entrevista com o empresário Manoel da Costa, filho mais velho do “pescador de bacalhau”, que emigrou para o Canadá aos 14 anos.

O filho de Manoel inicia o seu discurso sobre a trajetória do pai, destacando o fato de ele ter nascido “num capoeiro de galinhas, pois meus pais eram tão pobres que não tinham onde morar” (Costa, 2015).

Na sequência, relata que seu pai nasceu em 1927, na freguesia de Castelo de Neiva, situada na região de Viana do Castelo e que a família, composta pelos pais e outros 10 irmãos, vivia da pesca e da prestação de serviço aos lavradores que tinham maiores posses.

Ao fazer um exercício de metamemória, conforme define Candau (2012), o filho de Manoel menciona que, devido à extrema pobreza em que vivia, a família Costa enfrentou sempre muitas dificuldades para comer e vestir. Manoel menciona ainda que seu pai “casou-se com uma rapariga que trabalhava como criada na localidade de Castelo do Neiva” (Costa, 2015), quando tinha quase 30 anos. A partir daí, segundo ele, o jovem casal passou a residir em um casebre cedido por um morador da região, onde ele nasceu, em 1954. Depois dele, vieram mais seis filhos. Nos idos de 1955, diante das crescentes dificuldades de sobrevivência, com a presença de mais uma boca para alimentar, seu pai decidiu engajar-se na pesca do bacalhau, atividade extenuante e perigosa, realizada nos mares gelados de Terra Nova, nas costas do Canadá.

Praticada desde o século XVIII, a pesca do bacalhau sempre atraiu grande número de trabalhadores portugueses, mas foi a partir do Estado Novo que a atividade se intensificou, passando a ocupar, ao lado do trigo, um lugar central na economia política do “fascismo português” (Garrido, 2016: p. 159). A campanha do bacalhau, como ficou conhecida, foi, segundo o historiador Álvaro Garrido, a solução encontrada pelo regime salazarista para “manter as fainas locais como um amplo reservatório de mão-de-obra disponível para o recrutamento sazonal que era exigido pelas pescas longínquas do bacalhau e do arrasto” (Garrido, 2016, p. 158).

Para os pescadores que se dispunham a enfrentar os riscos que envolviam a pesca do bacalhau, a maior dificuldade era permanecer embarcado em um veleiro de pequenas dimensões, durante seis meses ininterruptos, conforme narra o pescador Vicente Fradoca Branco, que nasceu em 1943 e esteve oito anos na pesca do bacalhau: “Era uma vida dura. Estávamos no mar seis meses e o navio recebia tudo o que a natureza mandava: os ventos, as tempestades, o mar a partir na proa” (Branco, 2013).

Apesar dos obstáculos impostos pelas condições climáticas e pelas duras condições de trabalho que exigiam uma jornada diária de aproximadamente dezasseis horas, a possibilidade de receber um salário fixo ao final da jornada e poder construir uma moradia para a sua família foi o que provavelmente motivou o pai de Manoel a engajar-se por duas vezes naquela arriscada jornada.

De acordo com a narrativa de Manoel, do mesmo modo que outros homens da aldeia que participavam da campanha do bacalhau, seu pai ficava longe de casa de março a setembro. Durante este período, a rotina dos pescadores estava dividida entre o trabalho solitário da pesca - uma vez que passavam a maior parte do dia no interior de um bote de fundo chato (chamado dóri), que era tripulado por um só homem -, e a faina coletiva que envolvia o processamento do bacalhau, após os pescadores retornarem ao navio-mãe, com o fruto da pesca. Nesse momento, antes de ser armazenado, o produto passava pelo processo de escala (retirada das vísceras e da espinha) e de salga.

A pesca do bacalhau era uma atividade extremamente dura e perigosa, sobretudo pelo fato de exigir que os pescadores ficassem muito afastados do navio-mãe e à mercê de dois grandes inimigos, as tempestades e a neblina, o que não raro impedia o retorno dos trabalhadores, levando muitos deles a perecer de frio e de fome.

Para se ter uma ideia sobre a rotina de trabalho dos pescadores de bacalhau, recorremos novamente às memórias de Branco (2013).

No dóri tínhamos um cesto, à proa, com linha e bocadinhos de lula e cavala e ainda dois mil ou três mil anzóis. A linha tinha um ferro e um balão na ponta. Depois de deitar a linha ao mar tínhamos de esperar. Eu tinha um relógio com uma protecção de madeira feita pelo meu pai e guardava-o sempre junto ao peito. Quando ouvíamos a sirene do navio ou víamos uma bandeira preta no mastro, puxávamos a linha e o bacalhau boiava. Tínhamos de usar umas luvas de borracha para não cortar as mãos e íamos colocando o bacalhau na ré. Quando a ré estava cheia, o bacalhau era colocado na proa, para controlar o barco. Se não arreávamos de ré. Quando o barco não carregava mais, deixávamos o balão no mar e íamos descarregar ao navio. Depois regressávamos para carregar outra vez o resto do bacalhau.

Para aqueles que conseguiam superar estas dificuldades, outra operação arriscada era o momento em que o bote, carregado com aproximadamente meia tonelada de peixes, devia ser içado ao navio.

Se a pesca à linha era uma atividade solitária e extenuante, tendo em vista que o bacalhau precisava ser retirado a cem metros de profundidade, as condições de trabalho e de higiene no interior do navio não eram melhores.

Dormíamos três a quatro horas por dia, cheios de sangue do bacalhau, cheios de porcaria. Tomava-se banho ao fim de seis meses. Comida não faltava [...] batatas cozidas com pele, bacalhau, e o navio carregava barricas de carne, chispe, e matavam-se quatro bois para a viagem. Não se morria à fome. Só a água é que era pouca. Água para beber não faltava, mas não havia para tomar banho. Quando chovia aproveitávamos para lavar o que era preciso. Tínhamos as mãos sempre cheias de sangue do peixe. Era uma faina porca, não tem outro nome (Branco, 2013).

De acordo com a narrativa de Manoel, em 1957, após ver morrer muitos amigos, seu pai decidiu abandonar a pesca do bacalhau e seguiu para a França “a salto”, repetindo o percurso feito por milhares de portugueses que saíram clandestinamente de Portugal, em direção à França, no período salazarista (Ramos, 1991). Em Paris, Manoel permaneceu, trabalhando no setor da construção civil, durante onze anos. Neste período, o que sobrava dos poucos rendimentos era remetido à esposa que enfrentava sérias

dificuldades econômicas para sustentar os filhos em Castelo de Neiva. Somente depois de um período de aproximadamente cinco anos de permanência em França, Manoel deixou de ser considerado imigrante ilegal e pode retornar a Portugal anualmente para visitar a família.

Em 1967, logo após o Canadá abrir a possibilidade de receber imigrantes, Manoel decidiu deixar a França e emigrou legalmente para o Canadá. Após trabalhar por algum tempo numa região de minas, mudou-se para os arredores de Toronto, onde conseguiu emprego na construção civil. Em 1970, treze anos depois de ter saído de Portugal pela primeira vez, Manoel conseguiu, finalmente, trazer a esposa e os filhos para junto de si. Embora não tenha conseguido enriquecer, foi na cidade de Toronto, onde residiu até ao seu falecimento, ocorrido em 1996, que Manoel pode adquirir uma casa própria e educar os filhos.

## **5. Considerações finais**

Depois da exposição acerca das diferentes trajetórias destes três imigrantes, algumas considerações merecem ser feitas. Longe de poder inseri-los no interior de um grupo homogêneo, é interessante percebê-los como sujeitos singulares que nos deixaram vestígios sobre as suas trajetórias como imigrantes.

Oriundos de uma mesma camada social, Serafim e Manoel protagonizaram experiências similares à de milhares de outros jovens, filhos de lavradores, que, por razões econômicas, deixaram a região norte de Portugal, de modo clandestino, para irem em busca de novas oportunidades de trabalho. Em que pese o fato de ambos terem realizado percursos semelhantes e lançado mão de táticas comuns para viabilizar o projeto e/imigratório, cabe lembrar que os resultados alcançados por eles foram bastante distintos. Se por um lado, Serafim teve oportunidade de construir um patrimônio significativo, Manoel precisou contar com a ajuda da esposa e dos filhos para adquirir um imóvel, investir na escolaridade dos filhos e guardar algumas economias para a velhice. Ou seja, enquanto o primeiro deles pode ser inserido no grupo minoritário de imigrantes bem sucedidos, Manoel, ao contrário, faz parte do grupo maioritário, constituído por aqueles que não conseguiram encontrar a sua “árvore das patacas”.

Já Sidónio Muralha, cuja emigração foi motivada por questões políticas, compõe um grupo menos numeroso, porém não menos importante, de emigrantes que deixaram Portugal durante o Estado Novo, por não concordarem com o regime salazarista.

Ao procurar recompor o passado destes e/imigrantes, com base nas narrativas deixadas pelos próprios sujeitos que protagonizaram a experiência de deslocamento, não podemos deixar de referir que fizemos aqui uma escolha, deixando de lado representantes de outros grupos subalternos, como é caso

de homens e mulheres que, devido ao fracasso de sua empreitada, deixaram pouquíssimos vestígios de sua trajetória como e/imigrantes.<sup>5</sup>

Apesar das limitações e das lacunas existentes nas fontes aqui elencadas, é importante destacar a relevância empírica das narrativas autobiográficas, literárias e orais para a análise de questões relacionadas à memória e à subjetividade de sujeitos que vivenciaram a experiência de múltiplos deslocamentos.

## 6. Fontes

- CARVALHO, Serafim Alves de. (1986). *Emigrar, emigrar*: as contas do meu rosário. Auto-biografia. Compilado e escrito por Rui de Castro. Vila Nova de Gaia: Rocha Artes Gráficas.
- COSTA, Manoel. (2015). Entrevista realizada por Roseli Boschilia em Toronto/CA, em 15 set. 2015.
- MURALHA, Sidónio. (1941). *Bêco*. Poemas. Lisboa: Gráfica Lisbonense.
- MURALHA, Sidónio. (1942). *Passagem de nível*. Poemas. *Novo Cancioneiro*. Coimbra: Tipografia da Atlântida.
- MURALHA, Sidónio. (1969). *Esse Congo que foi Belga*. São Paulo: Brasiliense.
- MURALHA, Sidónio. (1971). *Poemas*. Porto: Editorial Inova Limitada.
- MURALHA, Sidónio. (1972). *Pássaro Ferido*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- MURALHA, Sidónio. (1972). *O homem arrastado*. Coimbra: Atlântida Editora.
- MURALHA, Sidónio. (1975a). *A Caminhada*: Livro de Vivências. Lisboa: Prelo Editora.
- MURALHA, Sidónio. (1975b). *O andarilho*. Lisboa: Prelo Editora.
- MURALHA, Sidónio (2010). Soneto do difícil retorno (2). In: Poema. Disponível em [http://cravodeabril.blogspot.com/2010/02/poema\\_23.html](http://cravodeabril.blogspot.com/2010/02/poema_23.html). acesso out. 2018.
- MURALHA, Sidónio (2012). Raízes. In: *Lusografias; retalhos da língua portuguesa*. Disponível em <https://lusografias.wordpress.com/2012/12/06/sidonio-.muralha/> acesso out. 2018.
- CHÃO DE AREIA. Sidónio (2015). Sidónio Muralha. In: <http://chaodeareia.agml.net/2015/07/sidonio-muralha/> acesso out. 2018.

## 7. Bibliografia

- ALVES Jorge Fernandes. (1994). *Os Brasileiros*: emigração e retorno no Porto oitocentista: Porto: Ed. do Autor.
- ARROTEIA, Jorge; ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. (1984). *Bibliografia da Emigração Portuguesa*. Lisboa: Instituto Português de Ensino à Distância.

---

<sup>5</sup> Uma destas trajetórias foi analisada pelas autoras no texto intitulado “Mulheres à proa: relatos sobre a experiência da emigração portuguesa no século XIX (no prelo).

- ARTIÈRES, Philippe. (1998). Arquivar a própria vida. In: *Estudos históricos* (Rio de Janeiro). 11 (21).
- BAGANHA, Maria Ioannis. (1991). Uma imagem desfocada: a emigração portuguesa e as fontes sobre a emigração. In: *Análise Social*, vol. XXVI (112-113), (3.ª4.ª), 723-739.
- BRETTELL, Caroline. (1991). *Homens que partem, mulheres que esperam*: consequências da emigração numa freguesia minhota. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- BOSCHILIA, Roseli. (2013). *Sidónio Muralha*: memórias autobiográficas de um homem arrastado. In *Naveg@merica*, (11), 1-18.
- BRANCO, Vicente Fradoca. (2013). *Eu não quis ir lá para o capim e escolhi o bacalhau*. Entrevista e edição de Maria José Oliveira em nov. 2013. Disponível em <http://www.as1001noites.com/eu-nao-quis-ir-la-para-o-capim-e-escolhi-o-bacalhau/> [Acesso em 15 out. 2018.]
- CANDAU, Jöel. (2012). *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- FELDMAN-BIANCO, Bela (1993). *Entre a saudade da terra e a América*: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção de culturas. In *Encontros de Antropologia*. Curitiba/PR.
- GARRIDO, Álvaro. (2016). *Estado Novo e maritimismo*: ideologia e discursos culturais. In *Biblos*. N. 2, 3.ª Série (pp. 141-167). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. (1999). *Micropolítica*: cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes.
- MATOS, Maria Izilda S. de. (2014). *Elos de tinta e papel*: a presença feminina na correspondência entre e/imigrantes portugueses. In SIMAS, Rosa M. N. (coord). *A vez e a voz da mulher*: relações e migrações (pp. 97-111). Lisboa: Edições Colibri.
- PEREIRA, Miriam Halpern. (1981). *A Política Portuguesa de Emigração, 1850-1930*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- POLLAK, Michel. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5 (10), 200-212.
- RAMOS, Maria Conceição Pereira. (1991). *L' immigration clandestine: élément structurel du phénomène migratoire et donnée du système d'emploi des pays européens*, Communication presented to the 3rd Annual Conference of the Association of Labour Economics, EALE (org.) Madrid, 26-29 September 1991.
- TRINDADE, Maria Beatriz (org.). (1981). *Estudos sobre a Emigração Portuguesa*. In: *Cadernos da RHES* 1-2. Lisboa: Sá da Costa.
- SAYAD, Abdelmalek. (1998). *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp.